

FOGOS DE ARTIFÍCIO

No dia em que fui renovar minha carteira de habilitação para dirigir veículos automotores, passei defronte resquícios da antiga fábrica de fogos Teixeira, ao lado de um de meus primeiros projetos de arquitetura, a residência do artista Gerson e da professora Aparecida Helena, bem próximo ao SENAC. Na hora, parei para registrar aquela lembrança arqueológica de uma indústria que praticamente desapareceu na Franca, a de fogos de artifício.

Quando era criança, meus avós italianos moravam no início da Rua Ângelo Pedro, defronte a fábrica de fogos criada por Ângelo Scarabucci, um galpão ao lado do córrego do Cubatão. Primeira indústria do gênero na cidade, abastecia a cidade com seus foguetes, bombinhas e estralinhos que a molecada usava o ano inteiro, não apenas na época das festas juninas. Nos anos 1940, meu pai era um fogueteiro, complementava seu salário de bancário em Araguari com a venda dos fogos Scarabucci em cidades próximas do triângulo mineiro e do sul de Goiás.

Acho que foi nos anos 1930 que ocorreu uma tragédia no local, uma grande explosão na fábrica Scarabucci que ocasionou a morte de trabalhadores. Pouco tempo depois, José Vitório Teixeira, um dos genros do velho Scarabucci, montou a fábrica de fogos Teixeira num grande sítio que possuía na região da Avenida Presidente Vargas e construiu o edifício que ainda resiste em meio ao bairro já densamente povoado. A construção era cercada por grandes eucaliptos e totalmente afastada das moradias para evitar problemas ocasionados por algum acidente. Em 1975, a fábrica fechou as portas, estava envolvida pela cidade e não tinha como ser mantida ali.

Na minha infância, a fábrica de fogos montava um estande de vendas na época das festas de São João para vender seus produtos na Rua Padre Anchieta (onde começou), bem no centro da cidade, algo inimaginável hoje com as restrições felizmente impostas pela legislação à produção, venda e armazenamento de fogos de artifício. A recente explosão de um depósito de fogos clandestino em São Paulo que matou uma pessoa e destruiu oito edificações do entorno é um exemplo negativo dessa possibilidade.

Além disso, com a vitória definitiva dos cachorros que, mesmo sem um único voto, elegem vereadores comprometidos com suas causas, a pirotecnia caiu em desgraça, foram proibidos fogos ruidosos na cidade. Embora as picapes com som sertanejo não sejam alvo da fúria legislativa ainda, não se ouve mais o apito do trem da Mogiana. As sirenes das fábricas de sapatos e das escolas também desapareceram. Já não se sabe mais pelos ouvidos quando o time da Francana entra em campo, se é meio-dia no feriado de Nossa Senhora da Aparecida ou se é meia-noite na passagem do ano. Novos tempos onde a pirotecnia fica por conta dos bozonaristas em explicar as rachadinhas do 01, a franquia da loja de chocolates mais lucrativa do país, as joias sauditas, a compra de mansão em dinheiro vivo com salário de deputado, as ligações com milícias cariocas, a mala de dinheiro do pastor deputado. Durma-se com um barulho desses.

Mauro Ferreira